



II CONPESQ Congresso de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Os novos rumos da ciência pós-pandemia

12 a 16 de abril de 2021 Universidade Federal do Cariri - UFCA

TEORIA DE TROPOS E O PROBLEMA DO REGRESSO.

RODRIGUES, Odilon¹

Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes
Universidade Federal do Cariri
odilon.netto@aluno.ufca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A ontologia procura descrever a realidade e suas estruturas, investiga o ser enquanto ser. Nessa investigação, há várias ontologias; a clássica, por exemplo, defende duas categorias, a saber, substância e propriedade. Neste artigo, pretendo apresentar a ontologia de categoria única, no caso, tropos, e como essa trata o problema do regresso. Esse problema persiste em diferentes teorias ontológicas. Realismo é definido como a admissão de entidades universais; Nominalismo como a rejeição dessas entidades. Ambas as teorias podem ser divididas em diversos subtipos.

O Realismo pode ser classificado em Realismo Imanente e Transcendente. Enquanto Aristóteles defendia o primeiro: universais existiriam apenas nas coisas, Platão defendia o segunda: universais teriam completa independência ontológica do mundo sensível. Historicamente, Aristóteles fez várias críticas ao Realismo Platônico. Uma dessas constitui um argumento de regresso ao infinito: o argumento do terceiro homem. Armstrong (1974, p.197) apresenta esse problema e como ele está conectado com a questão mais geral sobre regresso ao infinito. Como problema geral, soluções nominalistas e realistas sofrem desse problema.

Armstrong apresenta o argumento do Terceiro Homem, criado para combater a Teoria das Formas. Esse argumento diz que cada F é F pois participa da Forma de F , sendo essa diferente dos particulares. Porém se a Forma de F também é um F , aplicando o mesmo princípio é criada a necessidade de uma segunda Forma F , diferente dos particulares e da Forma F inicial, e assim por diante. Armstrong (1974, p.198) tem o regresso do Terceiro Homem como frágil, pois esse necessita da suposição da auto-predicação, no caso, que a Forma de F é um F . Além disso, é restrita a um tipo de Realismo. Existe o argumento do Terceiro Homem Restrito que é mais consistente que o Terceiro Homem comum. Podemos descrever o restrito do seguinte modo: as Formas possuem algo em comum, todas são Formas. Disso retiramos a Formalidade que está em todas as Formas. Porém, a

1 Será preenchido pela Comissão após avaliação com as informações dos metadados da submissão.

Formalidade também é uma Forma, que precisa ter uma nova forma comum com a forma anterior, e assim ao infinito. Nesse argumento vemos a auto-predicação se consolida em todas as análises relacionais segundo Armstrong (1974, p.199).

O problema do regresso também aparece quando tentamos explicar a existência dos universais aceitos pelos realistas. O problema dos universais surge quando tentamos responder o que há de similar entre dois particulares. O realista dirá que é um universal. O teórico de tropos, por sua vez, argumenta que esse universal é uma classe de tropos similares.

Do regresso que aparece da semelhança dos tropos há diversas formas de tratá-lo. Como uma relação de fundação segundo Simons (1994, p.559). Através da assimetria proveniente da natureza do tropo em relações que envolvam posição como mostra Campbell (1991, pp.64-65). Outra forma é analisando a virtuosidade do regresso como Maurin (2007, pp.19-21). Desta forma, observamos que teoria dos tropos sobressai diante das outras ontologias a respeito do problema do regresso, devido sua natureza proporcionar maior consistência nos argumentos.

2 OBJETIVOS

Este trabalho procura explicar como a teoria de tropos trata o problema do regresso. Apresentará como surgiu o problema do regresso e os tipos de regresso e de que forma os diversos teóricos de tropos argumentam a favor da teoria dos tropos, como a forma mais eficiente de tratar com esse problema. Nessa apresentação

3 METODOLOGIA

Fundamentarei minha pesquisa através de levantamento bibliográfico. Analisando as diversas teorias que tratam tropos como a ontologia que explica a realidade, confrontando essas teorias ressaltando o que há em comum e as peculiaridades.

4 RESULTADOS

O problema do regresso, explica que relação de semelhança de tropos nos leva a um regresso infinito vicioso, pois a semelhança entre os tropos constituintes daquela relação também é um tropo. Campbell (1991, p.35) nos dá o exemplo de três itens que ele denomina de *a*, *b* e *c*, e estabelece que a semelhança entre eles gera novos tropos, no caso *d*, *e* e *f*, porém, mais uma vez a semelhança desses novos tropos geram outros tropos *g*, *h* e *j* e assim por diante, resultando em uma regressão infinita viciosa. Segundo Campbell (1991, pp.35-37) o filósofo de tropos responde que a regressão não é viciosa, pois os elementos subsequentes não são desnecessários, sendo assim não temos viciosidade.

O realista também sofre com a regressão, devido a necessidade de instanciação dos universais, dessas instâncias segue a mesma lógica com os tropos. E a superveniência existente na teoria da semelhança não gera uma ampliação ôntica. Desta forma, os itens *d*, *e* e *f* são supervenientes a *a*, *b* e *c*, e os tropos de semelhança gerados a partir daqueles, são supervenientes a eles e assim por diante. Maurin (2002, p. 110) trata a superveniência como sendo uma pseudo-adição. Isso porque a definição de superveniência é bem complexa e muitos filósofos, incluindo Campbell, concordam que tendo superveniência não existe uma adição ôntica.

Com a pseudo-adição apresentada por Maurin (2002, p.110) o problema do regresso pode ser observado de duas formas: (1) Não há regressão, pois sendo uma pseudo-adição não tem porque regredir. (2) Se o regresso existir será virtuoso, pois a dependência existencial é nos seres anteriores no regresso e não nos posteriores.

Maurin (2002, p.105-108) apresenta como forma de análise realista, o *empate*. Dessa é proveniente uma nova entidade, chamada *laço*, Esse seria o responsável por juntar a instância ao universal. Porém esse *laço* é não-relacional e nem qualitativa, evitando assim um regresso. O teórico de tropo não pode aceitar essa alternativa, pois consequentemente aceitaria a existência do universal.

Em resposta a crítica de Hochberg, Campbell (1991, p. 62) mostra uma forma em que o teórico de tropo aborda o problema do regresso. A crítica utiliza uma relação assimétrica, na qual procura-se estabelecer a ordem de antecedência entre irmãos gêmeos. Podemos denominar estes como *b1* e *b2* elementos da relação *A*. A relação e seus elementos, sendo que *b1* é relacional, formam o complexo (*A*, *b1*, *b2*). Na visão realista a assimetria é evidente e evita a necessidade de uma ocorrência relacional para estabelecer *b1* no início da relação *A*. *A* é considerado um universal, não tendo como o complexo em

que ele participa ser o elemento inicial da relação com *b1*. Para Hochberg o teórico de tropos enfrenta uma regressão viciosa na mesma relação.

Campbell (1991, pp.64-65) nos mostra que essa assimetria também aparece na teoria de tropos. Utilizando uma relação de posição podemos estabelecer o seguinte exemplo: *Crato ao sul de Juazeiro do Norte*. Definindo *Crato* como *c1*, *ao sul de* como *S* e *Juazeiro do Norte* como *c2* constituímos o complexo (*c1, S, c2*), sendo necessário uma ocorrência relacional *p1* para estabelecer o elemento *c1* o primeiro no complexo. Chegamos então a seguinte relação (*c1, p1(c1, S, c2)*) de acordo com Campbell (1991, p.65) para provar a assimetria com (*p1, c1(c1, S, c2)*) e conseqüentemente evitar um regresso, devemos utilizar parte da teoria de níveis de Russell. Essa estabelece níveis para elementos em relações. Com isso, a ocorrência relacional *p1* é um nível acima de *c1*, podendo possuir *c1* que é logicamente de nível inferior. Como uma ocorrência de nível inferior não pode possuir uma de nível superior a assimetria aparece evitando o regresso.

Simons (1994, p.558) nos apresenta a relação de copresença como forma de unir particulares em um feixe. Essa relação seria análoga a de semelhança exata. Porém a relação primitiva interna que estabelece a semelhança exata e evita um regresso, não encontramos na relação de copresença. Nessa é possível a existência de tropos nesse feixe, que ao se substituírem por outros tropos, demonstra que a relação de copresença não é proveniente da natureza dos tropos, possibilitando assim regresso ao infinito vicioso.

Uma solução para esse regresso gerado pela característica da relação de copresença é apresentada por Simons (1994, p.559) que é a relação fundação de Husserl. Nessa fraqueza da fundação de um tropo C com relação a outro, torna a existência do tropo C dependente da existência desse outro tropo de que ele é fundado. Outra interpretação explanada é que C funda-se de maneira forte em outro tropo, se a fraca fundação de C com esse outro tropo e esse não integra C. Husserl explica a relação de fundação devido a espécie do tropo, esse necessita de um tropo de extensão.

Esse regresso proveniente da relação de copresença é conhecido como regresso Bradley. Com base em Maurin (2010, pp.321-323) a solução desse regresso está em admitir que os tropos que constituem um objeto, isso inclui o tropo de copresença, podem existir sem a necessidade que o objeto exista. Porém a existência do objeto depende da existência desses tropos. Estabelecendo uma assimetria na relação dos tropos constituintes e o objeto constituído.

Com base em Maurin (2007, pp.19-21) devemos nos preocupar com a virtuosidade ou viciosidade do regresso, essa distinção é possível através do sentido da dependência existencial do regresso. Se a partir da etapa inicial do regresso as etapas seguintes dependem desta para existir, o regresso é virtuoso, mas se a dependência é das etapas posteriores o regresso é vicioso. Segundo Maurin (2007, pp.22-23) ao usarmos essa forma de analisar, no regresso da semelhança, observamos que com tropos o regresso é virtuoso pois a etapa inicial, no caso os tropos d e f que se assemelham, são necessários para a existência do respectivo tropo de semelhança g.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que nas diversas formas que os teóricos de tropos explicam uma análise sobre o regresso, o que se destaca entre elas é a natureza peculiar dos tropos. Essa por ter uma característica primitiva, faz com que os argumentos utilizados sejam consistentes e de difícil refutação.

Além do que, ao constatarmos que o regresso não acontece nas análises, não há uma adição ôntica. Ou caso exista o regresso, isso não é um problema, mas sim sua viciosidade, nesse caso, podemos estabelecê-la com base no sentido em que a regressão segue ou da sua dependência do objeto inicial do regresso.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, D. M. Infinite regress Arguments and the problem of Universals. Sydney: **Australian Journal of Philosophy**, v.52, n.3, 1974.

ARMSTRONG, D. M. **Universals: An Opinionated Introduction**. Boulder: Westview Press. Focus Series, 2018.

CAMPBELL, K. **Abstract Particulars**. Oxford: John Wiley and Sons, 1991.

MAURIN, A-S. **If Tropes**. Dordrecht: Springer Science+Business Media. 2002.

_____. Infinite Regress – Virtue or Vice? Lund: **Hommage à Wlodek. Philosophical Papers Dedicated to Wlodek Rabinowicz**, ed. T. Ronnow-Rasmussen, B. Petersson, J. Josefsson e D. Egonsson, 2007. Disponível em: <<https://www.fil.lu.se/hommageawlodek/site/papper/MaurinAnnaSofia.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Trope theory and the Bradley regress. Lund: **Synthese**, v.175, n.3, pp.311-326, aug.2010

SIMONS, P. Particulars in Particular Clothing: Three Trope Theories of Substance. Buffalo: **Philosophy and Phenomenological Research**, v. 54, n. 3, pp. 553-575, sep.1994